



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

SOFIA DA CUNHA GONÇALVES

**A PERCEPÇÃO DOS EDITORES CARTONEROS EM RELAÇÃO À
DEMOCRATIZAÇÃO DO LIVRO NO BRASIL**

PORTO ALEGRE

2019

SOFIA DA CUNHA GONÇALVES

**A PERCEPÇÃO DOS EDITORES CARTONEROS EM RELAÇÃO À
DEMOCRATIZAÇÃO DO LIVRO NO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa

PORTO ALEGRE

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Karla Maria Müller

Vice-Diretor: Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Samile Andréa de Souza Vanz

Chefe Substituto: Rene Faustino Gabriel Junior

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenador: Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador substituto: Caterina Marta Groposo Pavão

CIP - Catalogação na Publicação

Gonçalves, Sofia da Cunha
A PERCEÇÃO DOS EDITORES CARTONEROS EM RELAÇÃO A
DEMOCRATIZAÇÃO DO LIVRO NO BRASIL / Sofia da Cunha
Gonçalves. -- 2019.
51 f.
Orientador: Rodrigo Silva Caxias de Sousa.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Movimento cartonero. 2. Democratização do livro.
3. Editores cartoneros. 4. Plano Nacional do Livro e
Leitura. I. Sousa, Rodrigo Silva Caxias de, orient.
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua Ramiro Barcelos, n. 2705 – Bairro Santana

CEP 90035 – 007 – Porto Alegre/ RS

Fone: (51) 3308 – 5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

SOFIA DA CUNHA GONÇALVES

**A PERCEÇÃO DOS EDITORES CARTONEROS EM RELAÇÃO À
DEMOCRATIZAÇÃO DO LIVRO NO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa - UFRGS (Orientador)

Prof.^a Dr.^a Marcia Heloisa T. de F. Lima - UFRGS

Ana Maria Froner Bicca – Bibliotecária - Sport Club Internacional

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Agradeço a minha mãe Janaí da Cunha Gonçalves, heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Ao meu pai Aldo dos Santos Oliveira que, apesar de todas as dificuldades, me fortaleceu, o que para mim foi muito importante.

Agradeço às minhas irmãs e sobrinha, que nos momentos de minha ausência dedicada aos estudos superiores, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente!

Obrigada primos e tias pela contribuição valiosa!

Obrigada vizinha Jussara Gonçalves da Cunha, por suas porpetas deliciosas!

Meus agradecimentos aos amigos e companheiros de trabalhos que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

Agradeço ao meu orientador Prof. Rodrigo, pela paciência, dedicação e apoio na construção do TCC, fazendo suas considerações e contribuindo para que eu pudesse concluir essa etapa.

Não poderia deixar de agradecer à minha pequena família Bruno e Arthur, amo muito vocês.

*“Qualquer ideia que te agrade,
Por isso mesmo... é tua.
O autor nada mais fez que vestir a verdade
Que dentro em ti se achava inteiramente nua”*

Mario Quintana, Espelho mágico.

RESUMO

A proposta deste trabalho é discutir sobre a percepção dos editores cartoneros em relação a democratização do livro no Brasil, através de pesquisa bibliográfica apresentamos as principais características de uma editora cartonera, abordando os aspectos de sustentabilidade e economia solidária. Ainda no referencial teórico apresentamos o Plano Nacional do Livro e Leitura à luz dos eixos de ação um e quatro e discutimos a democratização do livro. Por meio da fundamentação teórica analisamos o conteúdo das entrevistas aplicado em seis editores cartoneros de diferentes estados do país.

Palavras-Chave: Movimento cartonero. Democratização do livro. Editores cartoneros. Plano Nacional do Livro e Leitura.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to discuss about the perception of the publishers in relation to the democratization of the book in Brazil, through bibliographic research presented as the main resources of a publisher publishing, addressing the aspects of sustainability and solidary economy. There are still no theoretical references presented for the National Plan of Book and Reading in the light of the axes of action and four and discussions about democratization of the book. Through the theoretical basis analyzed or the content of the interviews applied to six carton editors from different states of the country.

Keywords: Cartonero movement. Democratization of the book. Cartoneros publishers. National Plan of Book and Reading.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANCINE	Agência Nacional do Cinema
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CCMQ	Casa de Cultura Mario Quintana
ES	Economia solidária
FACyR	Federação Argentina de Cartoneros e Recicladores
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ISBN	International Standard Book Number
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexual e outros grupos de gênero e sexualidade
LUME	Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
MNCR	Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
PNLL	Plano Nacional do Livro e Leitura
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Exposição Cartonera.....	18
Figura 2 - Atelier Cartonero.....	19
Figura 3 - A cara de Ocara	20
Figura 4 - Muito mais que livros	21
Figura 5 - Coleção o Fundo do Vale.....	22
Figura 6 - Coleção Mini Livros..	23
Figura 7 - Primeiros livros de cartón	24
Quadro 1 - Perfil ideológico.....	28
Quadro 2 - Editores Cartoneros.....	35
Tabela 1 - Democratização do livro.....	38
Tabela 2 - A importância da democratização.....	40
Tabela 3 - Iniciativas cartoneras.....	41
Tabela 4 - Ações para democratização do livro.....	44
Tabela 5 - Sucesso cartonero.....	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O UNIVERSO DOS LIVROS CARTONEROS	17
2.1 DEMOCRATIZAÇÃO DO LIVRO	25
2.2 A ECONOMIA DO LIVRO NO CONTEXTO DOS CARTONEROS	28
2.2.1 Economia solidária	28
2.2.2 Desenvolvimento sustentável e consumo consciente	31
3 PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA À LUZ DOS EIXOS 1 E 4 PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DO LIVRO	33
4 METODOLOGIA	36
4.1 PROCEDIMENTOS E LIMITAÇÕES METODOLÓGICAS	36
4.2 COLETA E TRATAMENTO DE DADOS	38
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	39
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

1 INTRODUÇÃO

Após as eleições de 2018 a cultura no Brasil sofre severos golpes políticos, dentre as quais a extinção do Ministério da Cultura, criado há 37 anos. Depois desse episódio, o quase fechamento da Agência Nacional do Cinema (ANCINE), as lutas contra a livre expressão e a proliferação de ideias conservadoras e retrógradas passaram a travar o desenvolvimento artístico no país. Em função da crise econômica, o país também se depara com um colapso no mercado editorial e mudanças propostas na Lei de Incentivo à Cultura censuram projetos culturais.

Diante desse cenário de trevas, um movimento político, social, artístico e cultural ganha forças no cenário editorial independente.

O movimento cartonero é uma manifestação social que surge na Argentina em meio à crise econômica dos anos 2000, a principal característica do movimento são as capas dos livros confeccionados a partir da coleta do papelão nas ruas.

O primeiro editor de livros cartonero nasce, em março de 2003, criado pelo artista plástico Javier Barilaro e o escritor Washington Cucurto, a Eloísa Cartonera volta-se para um trabalho com catadores de papelão e suas famílias.

A produção dos livros artesanais é feito em uma impressora caseira na sede da editora, no bairro do estádio La Bombonera. E as capas são confeccionadas em papelão comprado diretamente dos catadores argentinos.

Somente na Argentina existem aproximadamente 200 mil¹ (Red Latinoamericana de recicladores, 2019) recicladores, embora não haja números oficiais. A Federação Argentina de Cartoneros e Recicladores (FACyR) é a organização criada pelos trabalhadores para a defesa dos direitos e o reconhecimento do valor ambiental e social do trabalho que realizam. A organização presta suporte para os catadores de papelão, em todo o país argentino, organizados em cooperativas ou em formas associativas.

¹ Informação disponível em: <http://www.redrecicladores.net/pais/>. Acesso em: 04 de novembro de 2019.

As políticas públicas do país argentino para gestão de resíduos estabelecem em nível nacional, as diretrizes para o reconhecimento e inclusão de recicladores. Além disso, foi desenvolvida legislação provincial e municipal que avança na inclusão de recicladores em todo o país.

No Brasil a primeira manifestação cartonera surge em 2007² com a editora Dulcinéia Catadora. O coletivo teve o seu início após dois meses de trabalho colaborativo com integrantes do Eloísa Cartonera durante a 27^o Bienal de São Paulo. Atualmente, funcionam dentro de uma cooperativa de materiais recicláveis no Estado de São Paulo, os livros são confeccionados por catadoras de papelão e outros profissionais que participam do coletivo.

A Dulcinéia tem como ponto principal a sustentabilidade, baseado numa estratégia de geração de renda que consiste em vender os livros e repassar para os catadores que os confeccionam o valor da venda, descontados os custos de produção.

De acordo com os dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), somente no Brasil existem 387.000 recicladores (2013). A organização representante dos catadores no país é o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), que reúne mais de 7.000 cooperativas de reciclagem em todo o país. Os trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável são reconhecidos na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) com o número de identificação 5192.

No âmbito legislativo brasileiro a Lei número 12.305, que estabelece a Política Nacional de Resíduos e o Decreto número 7.404, buscam a inclusão socioeconômica dos recicladores, desenvolvendo também uma série de programas que favorecem sua plena inclusão nos sistemas de gestão de resíduos.

² Informação disponível em:
<http://www.dulcineiacatadora.com.br/sobre-about-2/sobre-o-projeto-about-the-project>. Acesso em: 04 de novembro de 2019.

Sobre as publicações cartoneras cada obra é única e nenhum livro cartonero é igual a outro. Os editores cartoneras movimentam um tipo de economia chamada solidária dentro das comunidades carentes e contribuem para a preservação do meio ambiente com a reciclagem dos materiais para confecção dos livros.

Agora imagine as mais variadas temáticas literárias, autores marginalizados, junto com a oportunidade de produzirem suas histórias reutilizando materiais em uma construção coletiva, estas características diferenciam os editores cartoneros dos editores convencionais.

Atualmente o movimento se expande, somando adeptos por países vizinhos, entre outros, Uruguai, Chile, Bolívia, Peru, Colômbia, México, e até mesmo de fora do continente sul-americano, como Espanha, Portugal, Suécia, Alemanha e Moçambique (no continente africano).

No que tange à leitura, ler é interpretar, vai além de simples decodificação de símbolos, é uma tarefa de compreender e interpretar constantemente, que promove assim a construção das interpretações de textos. Na leitura tanto o autor como o leitor estão construindo um sentido.

Segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, do Instituto Pró-Livro, divulgada em 2016, revelou que mais da metade dos brasileiros se declaram leitores (56%), ainda que leiam apenas 2,43 livros inteiros por ano em média.

Promover o acesso ao livro e disseminar o saber é uma responsabilidade social do bibliotecário. Não se faz um grande escritor sem antes ter um grande leitor e não se faz um grande leitor sem acesso à leitura. Infelizmente no Brasil o livro ainda possui valor financeiro elevado, o que contribui para a legitimação de movimentos como o cartonero na democratização do livro.

A ideia de escrever sobre o fenômeno cartonero, surge a partir de uma identificação inicial da autora e do orientador desta dissertação com tema. Desde o início nutrimos um desejo de conhecer melhor este objeto de estudo. As pesquisas logo tiveram o seu começo, mais precisamente em meados de agosto de 2018, os primeiros resultados da recuperação da informação sobre a temática proposta

percebemos que não havia nenhuma pesquisa dentro da área da Ciência da Informação, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/UFRGS.

Tratava-se de um assunto inédito. Entrando em contato com o que já havia sido escrito sobre o movimento cartonero, encontramos pesquisas científicas dentro das áreas de Artes, Letras e Design, todos abordando o livro cartonero e sua estética artística. O foco desta monografia não é a estética do objeto livro e sua literatura, mas sim análise de uma manifestação social de transformação coletiva.

A desigualdade de acesso ao livro e à leitura no Brasil é histórica e vem acompanhada de uma série de fatores que não justificam, mas esclarecem os motivos do atraso da democratização em relação ao acesso à informação, à cultura e à leitura no país.

Sabemos que Informação é poder, e quem domina a informação a utiliza como instrumento de exclusão social. A nossa história mostra que vários aparelhos ideológicos como: igrejas, governos e poderes políticos e atualmente interesses econômicos manipulam o acesso à informação.

Trazer o debate e a reflexão da democratização do livro para dentro da academia é provar que a ideia de que a capacidade de ler e interpretar não pertence só às elites, como se somente estas tivessem sensibilidade para apreender e apreciar uma leitura.

Partimos do pressuposto de que um dos direitos fundamentais de cada sujeito é o direito à informação. Logo, entende-se que deva haver uma democratização do livro, fazendo com que o acesso à informação e conhecimento possa chegar a todos, sem exceções. Para que isso se torne possível, esforços devem ser realizados para que ocorra a ampliação do acesso de todos os cidadãos aos meios de leitura.

O objeto de estudo desta pesquisa o movimento cartonero representado nesta monografia por seis editores de diferentes regiões do Brasil. Através do referencial teórico e de questionário iremos tentar responder o seguinte problema de pesquisa: qual a visão dos editores cartoneros sobre a democratização do livro no Brasil?

O objetivo geral deste trabalho foi verificar a percepção dos editores cartoneros em relação à democratização do livro no país.

Junto desse objetivo geral, a pesquisa teve como objetivos específicos a) discutir a democratização do livro b) apresentar o movimento cartonero sob a perspectiva sustentável e econômica c) apresentar os eixos 1 e 4 do Plano Nacional do Livro e Leitura para democratização do livro no Brasil d) identificar a compreensão dos editores cartoneros em relação à democratização do livro.

O texto encontra-se dividido em duas seções principais bem distintas: a primeira irá tratar do referencial teórico, procuramos entender alguns aspectos que envolvem os editores e o livro cartonero. Também apresentamos uma breve contextualização de cada editora participante desta pesquisa.

Já a segunda explica a metodologia adotada e os processos metodológicos, e em seguida se dedica a relatar os dados coletados na pesquisa de campo, correlacionando-os com as questões enunciadas previamente e ,por último, análise e discussão dos dados.

É importante deixar claro como a pesquisa foi realizada e adiantar alguns pontos chave, fundamentais para construção deste trabalho. Inicialmente, houve um enfoque na bibliografia. Apesar da análise dos dados coletados no campo retomarem muitas questões teóricas, pouquíssimos autores foram incluídos após se finalizar o estudo bibliográfico.

As referências aqui apresentadas são derivadas de levantamento bibliográfico em meios específicos. Através de pesquisa on-line nas plataformas SciELO, Portal de Periódicos da CAPES; Google Acadêmico; Repositório Institucional Digital da UFRGS o LUME e a base de dados BRAPCI; foram utilizadas as seguintes palavras-chave: movimento cartonero e/ou manifestações cartoneras, democratização do livro, acesso à informação, poder e informação, economia solidária entre outros termos de busca.

Na próxima seção apresentamos o referencial teórico, a fim de propiciar uma base teórica necessária para a obtenção dos objetivos propostos.

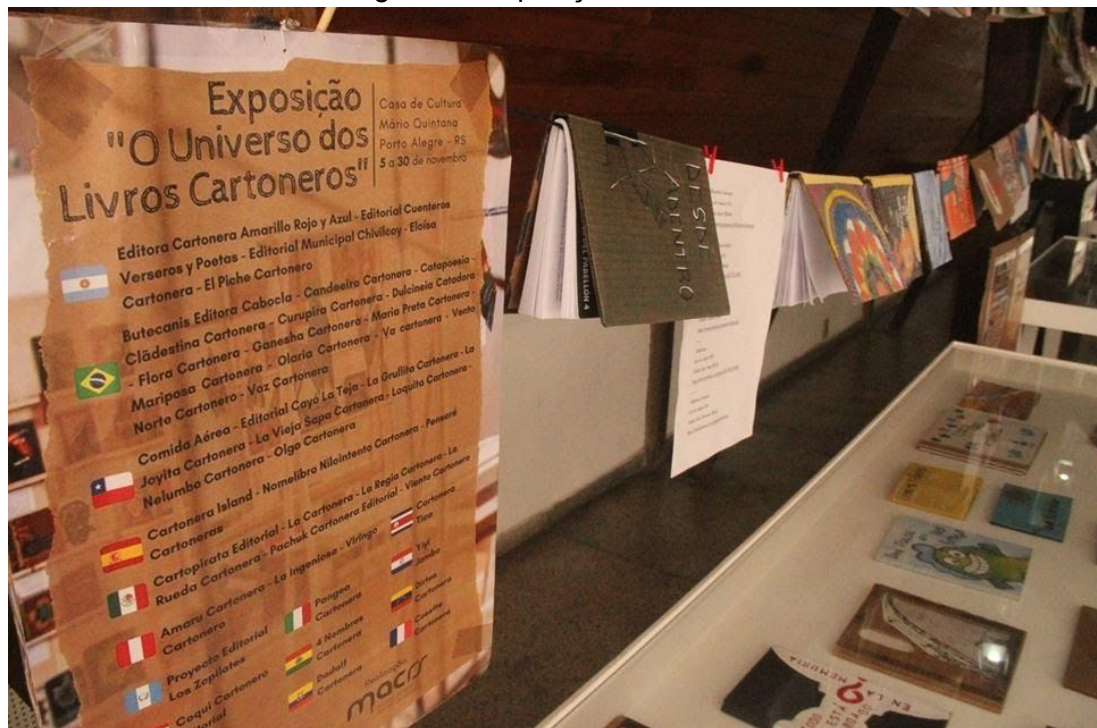
2 O UNIVERSO DOS LIVROS CARTONEROS

Antes de aprofundarmos no universo dos livros cartoneros, é importante falar de onde surgiu o título desta seção.

A Casa de Cultura Mário Quintana (CCMQ) em programação especial da 65ª Feira do Livro de Porto Alegre, foi sede da exposição “O Universo dos Livros Cartoneros”, com a curadoria da Vento Norte Cartonero editora de Santa Maria, evento que contou com mais de cem livros, participaram 40 editores de 14 países, realizada durante o mês de novembro de 2019.

Para aproximar o leitor do universo que compõem os editores cartoneros, nesta seção iremos apresentar o contexto dos seis editores que participaram da nossa pesquisa e também da exposição.

Figura 1 - Exposição Cartonera



Fonte: Vento Norte Cartonero (2019)

Iniciamos apresentando a editora Vento Norte Cartonero, um projeto idealizado pelo Fernando Villarraga-Eslava sob o pseudônimo Gaudêncio Gaudério,

em conjunto com um pequeno grupo de pessoas que moram na cidade de Santa Maria no Estado do Rio Grande do Sul.

Em suas redes sociais se apresentam como uma editora que tem como base autogestão, ou seja, sem vínculos nem apoio institucional de qualquer espécie, para o patrocínio das suas obras produzidas com capas de papelão e confeccionadas à mão. Os seus textos são de autores novos ou já publicados que cedem seus materiais para ajudar no catálogo de literatura cartonera.

Também realizam oficinas, principalmente em escolas públicas da cidade de Santa Maria e região, com o objetivo de desmitificar o objeto livro e ajudar a promover de alguma maneira a leitura e a escrita de forma criativa e lúdica.

Figura 2 - Atelier Cartonero



Fonte: Vento Norte Cartonero (2019)

Em conversa por e-mail com Professor Doutor Ary Pimentel um dos integrantes da Ganesha Cartonera, ele nos conta um pouco da história da editora e suas ideologias.

Criada no ano de 2018 a editora busca construir uma ponte entre a Faculdade de Letras da UFRJ e a favela, produzindo livros de sujeitos que tradicionalmente não tinham contato com editoração e distribuindo esses livros cartoneros gratuitamente ou a um preço acessível. Possui local de trabalho em duas favelas do Rio de Janeiro: Nova Holanda, na Favela da Maré, e Morro da Babilônia, no Leme.

Professor Ary ainda ressalta que a Ganesha Cartonera foi criada há pouco mais de um ano e possui um pequeno catálogo no qual que representa em suas próprias palavras uma proposta democratizadora de quem assumiu como missão a difusão de vozes silenciadas e de dicções de sujeitos subalternizados.

Figura 3 - A Cara de Ocara



Fonte: Ganesha Cartonera (2019)

A Mariposa Cartonera em seu site se apresenta como um coletivo artístico-editorial, iniciado em agosto de 2013. Tem como proposta editar autores contemporâneos a partir dos conceitos norteadores do movimento cartonero: publicar livros de qualidade literária a baixo custo para fazer a literatura circular envolvendo setores fragilizados da sociedade no processo de produção, baseado em princípios da economia solidária, da sustentabilidade e comércio justo.

A editora ainda ressalta que a literatura também é vista como uma forma de intervenção política e o Mariposa Cartonera tem um forte compromisso com causas ligadas aos direitos civis.

Foram publicadas duas antologias em defesa de causas ligadas ao combate à especulação imobiliária no Recife: “Coque (R)Existe “e” Inquebrável: Estelita para cima”, que envolveram dezenas de autores em torno dos movimentos.

O coletivo também já realizou co-edições com outras editoras cartoneras inclusive de outros países, como La Sofía Cartonera (Córdoba, Argentina), Malha Fina Cartonera (São Paulo, Brasil) e Kartocéros Éditions (Clermont-Ferrand, França), e desenvolve projetos colaborativos com outros coletivos, além de cooperação técnica com cartoneras pertencentes à Liga Cartonera.

Figura 4 - Muito mais que só livros



Fonte: Mariposa Cartonera (2019)

Os editores Marco Aurélio de Souza e Felipe Teodoro criaram o selo editorial Olaria Cartonera em 2019 com o propósito de fortalecer e diversificar a cena poética dos Campos Gerais do Paraná, abrindo espaço para publicações de autores inéditos como também os já publicados, tudo num formato acessível e popular, pensado dentro da lógica do coletivo.

Figura 5 - Coleção o Fundo do Vale



Fonte: Olaria Cartonera (2019)

A Editora paulistana Nordeste Cartonero surge em 2015, como proposta editorial que alia produção gráfica e artesanal, publicando arte e literatura universal, em diversas linhas de publicação. A editora independente tem como objetivo compartilhar sonhos, divulgando obras inéditas ou de conhecimento público, de interesse universal. Livros impressos, de ficção e não ficção, com cadernos costurados e capas de papelão ilustradas à mão.

Figura 6 - Coleção Mini Livros



Fonte: Nordeste Cartonero

A segunda editora mais nova da nossa pesquisa foi criada em Corumbá, no Pantanal do Mato Grosso do Sul, em 16 de fevereiro de 2019, Maria Preta Cartonera Editora, é uma iniciativa do jornalista Nelson Urt (ex-Estadão, Diário Popular e Placar).

Os dois primeiros títulos de lançamento são: Paixão e Morte no Bordel, com contos dos jornalistas e historiadores Luiz Fernando Licetti, Silas de Almeida e Nelson Urt, e Amor e Morte em Tempos de Chumbo, que reúne um conto inédito, além de crônicas, poesias e artigos escritos por Urt ao longo de dez anos.

Os livros editados pela Maria Preta Cartonera são artesanais, com capas de papelão ilustradas. Os seus objetivos são despertar o interesse pela leitura e abrir espaço para novos escritores.

Figura 7 - Primeiros Livros de Cartón



Fonte: Maria Preta Cartonera (2019)

Podemos observar que o fenômeno cartonero são editores e ou coletivos que em seus ateliers criam livros com capas feitas de papelão recolhido das ruas por catadores e pintados por artistas plásticos ou pelos próprios cartoneros.

As editoras Cartoneras surgem como forma de autorização forjada da produção marginal, dando voz à cultura advinda das margens. Uso o plural “margens”, pois são Editoras que se inserem em diferentes posições sociais marginais, entre elas: como ser da América Latina, associar-se à classe econômica mais baixa e defender posicionamentos ideológicos avessos à manutenção do poder. (LIMA, 2013, p.11)

Segundo Almeida (2019) “Cada editora cartonera possui características próprias de sua cultura, política, meio social e econômico em que está inserida. No entanto, existem elos que as ligam, formando o que chamamos de Movimento Cartonero”.

A principal característica dos editores cartoneros é sua independência de trabalho, sem vinculação a instituições públicas, ONGs ou iniciativa privada, nem registro em órgãos de trabalho dos respectivos países. As editoras realizam

trabalhos, ações e livros muitas vezes através de encomendas, recebem cachês por trabalhos, mas não possuem patrocínio para seu funcionamento diário.

Almeida (2019) ainda observa que “Com capas únicas e pequenas tiragens, comumente sem a visão de obtenção de lucro, os livros cartoneros alimentam a colaboratividade em um circuito alternativo e paralelo formado entre os editores, autores e leitores”.

Em relação à confecção dos livros em análise de informações fornecidas pelos blogs das editoras Trajeto Kartonero, Mariposa Cartonera, Dulcinéia Cartonera e a editora pernambucana Castanha Mecânica. Elencamos abaixo as cinco principais etapas de produção de um livro cartonero:

a) Coleta: O papelão é coletado nas ruas, ou comprado de catadores por um preço muitas vezes maior que o praticado do mercado. b) Corte: O papelão é cortado e dobrado em moldes variados, que se tornarão capas a serem pintadas manualmente. c) Pintura: As capas são pintadas com técnicas diversas pelos próprios editores ou em oficinas oferecidas em diversos lugares. d) Edição: O conteúdo dos livros é lido, editado, diagramado e impresso para ser encadernado. e) Encadernação: Os livros são encadernados usando cola, costura ou outras técnicas artesanais.

Segundo Braga em sua tese de mestrado (2014) em muitos editores são estabelecidos uma rotina de criação de livros, em que compartilham o momento com todo o coletivo. A convivência dos diferentes numa perspectiva afetiva e respeitosa cria uma nova sociabilidade na travessia papelão-lixo para papelão-lixo-livro.

Dar um novo significado para o lixo através da literatura contribui, para desmistificar um bem cultural durante muito tempo reservada para poucos e traz como destaque o produtor de arte e literatura o catador de resíduos, um ofício símbolo da exclusão social urbana.

Ainda Lima e Maciel (2019) observam que as editoras cartoneras não possuem concorrência entre si, pois cada uma tem um objetivo e nem todas têm como o propósito a venda de seus livros.

Essa característica possibilita o intercâmbio entre elas. Como, por exemplo, a editora Malha Fina que foi criada, com um cunho mais acadêmico, com a ajuda do coletivo Eloísa Cartonera com o objetivo de disponibilizar aos alunos do curso de Letras conhecerem mais sobre o movimento cartonero e a literatura hispânica.

No que tange ao acervo de espaços de informação podemos encontrar na biblioteca de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade de Wisconsin hoje o maior acervo de livros cartoneros do mundo, são 360 volumes de diferentes países da América Latina. Os livros se encontram na seção destinada a livros raros. (BRAGA, 2014).

2.1 A ECONOMIA DO LIVRO NO CONTEXTO DOS CARTONEROS

Na seção anterior fomos apresentados ao universo dos livros cartonero, dentro deste contexto observamos dois conceitos que devemos discutir brevemente a seguir que são a economia solidária e a sustentabilidade visando um consumo consciente, ambos os conceitos andam no caminho oposto do atual mercado editorial globalizado.

2.1.1 Economia solidária

A economia solidária (ES) compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, empresas autogestionárias, redes de cooperação, entre outros, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário.

Esse setor vem se desenvolvendo no Brasil constituindo uma alternativa de trabalho e renda e inclusão social

A ES promove o desenvolvimento de redes de comércio a preços justos, para que os benefícios do desenvolvimento produtivo sejam repartidos mais equitativamente entre os grupos.

Segundo Paul Singer (2010) a economia solidária foi inventada por trabalhadores, no início do capitalismo industrial, como resposta à pobreza e ao desemprego resultantes da difusão (desregulamentada) das máquinas-ferramenta e do motor a vapor, no início do século XIX.

As cooperativas eram tentativas por parte dos trabalhadores de recuperar o emprego e a autonomia econômica, aproveitando as novas forças produtivas. Sua estruturação obedecia aos valores básicos do movimento operário de igualdade e democracia, sintetizados na ideologia do socialismo (Singer 2010)

A ES como podemos observar é baseada na autogestão, característica de muitos editores cartoneros, podemos traduzir a autogestão como ações socioeconômicas organizadas coletivamente.

A autogestão tem como mérito principal não a eficiência econômica (necessária em si), mas o desenvolvimento humano que proporciona aos praticantes. Participar das discussões e de decisões do coletivo, ao qual se está associado, educa e conscientiza, tornando a pessoa mais realizada, autoconfiante e segura.(SINGER, 2002a, p. 21)

As empresas autogestionárias, pelo seu perfil e visão que praticam, vão muito além do simples contrato tradicional das relações de trabalho formal: o ambiente de trabalho assemelha-se em muitos casos a verdadeiras famílias, marcadas por laços afetivos, contrapondo-se as características de grandes empresas que exploram o trabalhador assalariado.

Nas organizações de ES existem ganhos que vão além do econômico, tais como autoestima, identificação com o trabalho e com o grupo, companheirismo, noção crescente de autonomia e de direitos sociais.

A isso se soma o respeito e a valorização à diversidade, como identidade da própria condição social em que vivem complementando habilidades e maneiras de ser e de estar, o que contribui para ambientes comunitários de grande riqueza sociocultural. (SINGER, 2002).

E o pilar principal da ES é a igualdade, com a valorização do ser humano e não do capital, é um tipo de produção em que o bem comum é mais importante do que o lucro e vantagens de alguns. É um meio de independência dentro de um processo de democratização econômica, sendo uma alternativa às relações de trabalho convencionais.

No aspecto ideológico Azambuja (2009) diz que o perfil ideológico de solidariedade, é característico de instituições com base na Economia Solidária, ou seja, trata-se de organizações que praticam valores e princípios como solidariedade, igualdade, participação e democracia.

O principal fator transformador de instituições de caráter solidário é a preocupação dos trabalhadores em "mudarem seu comportamento de empregado, para cooperativado", portanto, não basta apenas que cada um exerça o seu papel na cadeia produtiva, como no modelo de assalariado, mas que cada um participe da gestão da cooperativa e assim, faça com que cada trabalhador se reconheça como integrante de um projeto coletivo. (Azambuja 2009)

Compreendemos melhor as diferenças entre os perfis ideológico quando analisamos o quadro abaixo.

Quadro 1 - Perfil Ideológico

Quadro - Princípios ideológicos e orientação na ação social de cada perfil ideológico.

	Perfil de Solidariedade	Perfil de Assalariamento	Perfil de Instrumentalização Capitalista
Orientação na ação social	• Consolidação do modelo de cooperativismo autogestionário.	• Garantir para si uma certa continuidade de lógica e atitude entre o modelo de assalariamento e o de cooperativismo.	• Consolidação econômica do empreendimento através da inserção pura e simples no mercado.
Propriedade coletiva	• Igualdade	• Individualismo	• Meritocracia
Processos de participação	• Participação • Igualdade • União	• Individualismo • Produtividade	• Controle
Relação entre os pares	• Solidariedade	• Coleguismo	• Cooperação

Fonte: Lucas Rodrigues Azambuja (2008)

Singer (2010) salienta que o modelo capitalista se alimenta da desigualdade social, em que uma parte é bem-sucedida economicamente, mas que depende da

mão de obra das classes mais pobres da sociedade. Esse fato que tende a ser naturalizado, se dá devido a uma exaltação desproporcional atribuída à competição em detrimento da cooperação e da busca do bem-comum.

Dentro desta realidade econômica solidária, nasce o conceito de consumo responsável, consumo consciente, ou ainda, consumidor cidadão, onde cada indivíduo ao comprar um produto também exerce um papel político, um ato rico em consequências, que ao ser conscientizado pode levar a reflexão e a ações mais críticas frente aos velhos hábitos de consumo (Zufferey, 1998).

2.1.2 Desenvolvimento sustentável e consumo consciente

A sustentabilidade tem ganhado espaço em debates nas questões econômicas, políticas e sociais, além de ambientais. Podemos definir ser sustentável como a capacidade de utilizar os recursos oferecidos do meio ambiente de modo que não ofereça riscos ao ambiente (Mikhailova 2004)

Por ainda estarmos distante da responsabilidade de cada indivíduo de preservar o meio ambiente, necessitamos de iniciativas que visam a educação ambiental, para compreendermos a acelerada destruição dos recursos naturais do nosso planeta e entendermos que é preciso diminuir a quantidade de lixo produzido, desperdiçando menos e consumindo só o necessário.

O consumo consciente é uma questão de hábito: pequenas atitudes em nosso dia-a-dia têm grande impacto no futuro. Assim, o consumo consciente é uma contribuição voluntária, cotidiana e solidária para garantir a sustentabilidade dos recursos do planeta.

O movimento cartonero acrescenta mais significado aos debates de sustentabilidade ao reciclar o papelão ou como os editores chamam o “cartón”, dando um novo significado aos materiais que na maioria das vezes consideramos inúteis e jogamos no lixo, e reutilizar, no sentido de dar “nova vida” a sua matéria-prima para fabricar novos produtos.

Apesar da grande influência do Movimento Cartonero quando se fala em preservação do meio ambiente e disseminação da literatura, os editores também utilizam outros materiais além do papelão.

Um dos exemplos de editores que buscam a sustentabilidade e cuidado das obras literária através de outros materiais reciclados é a Castanha Mecânica, fundada pelo poeta e escritor Fred Caju.

Em entrevista concedida para o site Brasil de Fato³, o mesmo relata que podemos encontrar no catálogo da editora Castanha Mecânica livros cartoneros, confeccionados com materiais como filtros de café, cascas de ovos e até com dobraduras simples que acabam dando um direcionamento gráfico-afetivo ao livro.

Catonio (2018), destaca que a reciclagem do papelão reforça a ideia atual de aproveitamento do lixo como uma atitude preventiva ao esgotamento de recursos naturais, tornando-se uma forma de retirar da natureza apenas o necessário e devolver a ela algo elevado e distinto.

Ainda segundo Catonio (2018) o objeto livro projeta toda uma carga simbólica e a ele se agregam novos valores. A manipulação artística do lixo, daquilo que é o despejo da sociedade, transforma-o em cultura letrada e atribui ao livro uma ideologia carregada de significados, posicionando-se contra a cultura dominante e superior.

³ Informação disponível em:
<https://www.brasildefato.com.br/2017/10/25/da-tela-aos-livros-artesanais-o-caminho-de-fred-caju/>.
Acesso em: 3 dez. 2019.

3 PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA À LUZ DOS EIXOS 1 E 4 PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DO LIVRO

O Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) é resultado de uma ação liderada pelo Governo Federal, por meio do Ministério da Cultura e Ministério da Educação, que consolidou o resultado de sugestões de representantes de todas as cadeias relacionadas à leitura, e também de educadores, bibliotecários, universidades, especialistas em livro e leitura, organizações da sociedade, empresas públicas e privadas, governos estaduais, prefeituras e interessados em geral.

O plano é pautado em 4 eixos de ação Eixo 1 – Democratização do acesso; Eixo 2 – Fomento à leitura e à formação de mediadores; Eixo 3 – Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico e Eixo 4 – Desenvolvimento da economia do livro.

Optamos por apresentar em nossa pesquisa os eixos 1 e 4, que dizem a respeito da democratização do acesso e o desenvolvimento da economia do livro. Segundo a pesquisa Retratos da Leitura uma das principais barreiras para a leitura é a falta de biblioteca pública e preço do livro elevado.

Para promover a democratização do acesso o PNLL aposta na implantação de novas bibliotecas públicas e escolares com acervos que atendam, pelo menos, aos mínimos recomendados pela Unesco, incluindo livros em braille, livros digitais, áudio livros etc, computadores conectados à Internet, jornais, revistas e outras publicações periódicas. O PNLL também apoia à abertura de bibliotecas comunitárias dentro de periferias urbanas, morros, hospitais, creches, igrejas, zonas rurais, clubes de serviços, ONGs e entre outros espaços que desejam um centro de informação.

Este Plano busca o fortalecimento e consolidação do sistema nacional de bibliotecas públicas, tornando-o realmente um sistema integrado, com níveis hierárquicos de bibliotecas e meios de circulação de acervos, informatização de catálogos, capacitação permanente de gestores e bibliotecários como promotores da mediação de leitura e atualização de acervos.

Destacamos que não devemos responsabilizar somente a biblioteca, na função de democratização do livro, o que se refere ao papel da biblioteca pública é a difusão do acesso ao livro, seja qual for o seu suporte. Como afirmar o autor Sponholz em 1984:

“A biblioteca pública é o principal meio de proporcionar a todos o livre acesso aos registros do conhecimento e das idéias do homem e às expressões de sua imaginação criadora. É ela que oferece a oportunidade da democratização da vida cultural, seja através do acesso da população aos bens culturais, seja através da formação indispensável dos conhecimentos, instrumentos e meios postos, em uso pela prática cultural, seja pela participação ativa de cada um, na medida de suas possibilidades no desenvolvimento cultural” (SPONHOLZ, 1984, p. 4).

No que se refere à melhoria do acesso ao livro e a outras formas de expressão da leitura o plano incentiva a realização de feiras do livro e publicações de livros em braile, livros digitais e audiolivros objetivando a inclusão da pessoa com deficiência.

O eixo 4 discute o desenvolvimento da economia do livro. O PNLL adota como plano de ação o desenvolvimento da cadeia produtiva do livro com incentivo de linhas de financiamento para gráficas, editoras, distribuidoras e livrarias e para a edição de livros, além de promover programas de formação para editores, livreiros e outros profissionais do mercado editorial.

Também estimula a concessão de prêmios nas diferentes áreas e bolsas de criação literária para apoiar os escritores. Entendemos para que uma efetiva democratização do livro devemos subverter *modus operandi* da cadeia de produção do livro, voltada para as classes dominantes.

Apesar do plano tentar diminuir a desigualdade do acesso ao livro e buscar promover incentivos financeiros a fim de reduzir o valor mercadológico do livro. De acordo com a UNESCO, o acesso à cultura no Brasil ainda é desigual, pois no que se refere ao acesso aos livros:

[...] o brasileiro praticamente não tem o hábito de leitura. A maioria dos livros está [sic] concentrados nas mãos de muito poucos. O preço médio do livro de leitura é muito elevado quando se compara com a renda do brasileiro nas classes C/D/E. (UNESCO, 2011, p.1)

Quando pensamos na democratização do livro, voltamos para aspectos quantitativos e financeiro entretanto a democratização de um meio de comunicação envolve não só as questões numéricas obtidos pela difusão do acesso, mas também questões de igualdade.

É inegável a importância dos editores cartoneros no que se refere à diversidade de autores e temáticas, pois com o trabalho realizados por eles temos publicações de vozes marginalizadas como, por exemplo, de autores LGBTQIA+.

Em um país onde um dos maiores evento literário a Bienal do Livro do Rio de Janeiro sofre a tentativa de censura por meio da prefeitura municipal, por conter segundo o governo municipal “conteúdo sexual para menores”⁴, a obra no caso é uma história em quadrinho (HQ) que traz imagens de dois rapazes se beijando completamente vestidos como qualquer casal comum já descrito em livros.

A ação de um editor cartonero publicar uma obra com a temática LGBTQIA+ e escrito também por essa minoria tão discriminada é um ato democrático, político, e principalmente de resistência ao atual momento que vivemos em nosso país.

4 METODOLOGIA

Nesta seção destacamos a metodologia utilizada para pesquisa e abordaremos os seguintes tópicos: O tipo de pesquisa e metodologia utilizada, a coleta e tratamento dos dados e as limitações do método escolhido.

4.1 PROCEDIMENTOS E LIMITAÇÕES METODOLÓGICAS

⁴ Notícia disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/09/marcelo-crivella-manda-censurar-gibis-dos-vingadores-na-bienal-do-livro-no-rio.shtml>. Acesso em 25 de outubro de 2019.

O presente trabalho de conclusão de curso caracteriza-se como um estudo exploratório, visto que visa “proporcionar maior familiaridade com a questão o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 1987, p. 41). Segundo Gil (1987), o estudo exploratório aprimora as ideias ou descobre intuições. Geralmente, o estudo é exploratório quando há pouco conhecimento sobre o tema a ser abordado (AAKER et al., 2004), que é o caso desta dissertação.

O presente estudo também se caracteriza como uma pesquisa descritiva, pois tem o objetivo descrever um determinado fenômeno (GIL, 1987), descrevendo as respostas dos entrevistados.

Sendo uma pesquisa exploratória e descritiva, a metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, que, de acordo com Levy (2005), é uma metodologia que vem sendo adotada crescentemente por diversos autores.

O propósito desta metodologia é explorar o subjetivo e pessoal do entrevistado na sua experiência vivida, que será expressa de forma descritiva.

Geralmente, a pesquisa qualitativa tem a vantagem de provocar sugestões para futuros estudos que foram geradas ao longo do andamento da pesquisa. (KATES, 1998).

De acordo com Gerhart (2004), a pesquisa qualitativa fornece uma narrativa da visão da realidade dos indivíduos, sendo altamente descritiva. Ela ainda dá uma ênfase aos detalhes situacionais, permitindo uma boa descrição dos processos (GERHART, 2004).

Segundo Fraser e Gondim (2004, p. 8):

“na abordagem qualitativa, o que se pretende, além de conhecer as opiniões das pessoas sobre determinado tema, é entender as motivações, os significados e os valores que sustentam as opiniões e as visões de mundo. Em outras palavras é dar voz ao outro e compreender de que perspectiva ele fala”.

Por questões de cronograma deste estudo optamos por escolher seis editoras cartoneras de diferentes regiões do Brasil o critério para delimitar quais editores responderam a pesquisa utilizamos como critério a sua presença na exposição “O

Universo dos Livros Cartoneros” abaixo apresentamos o quadro dos participantes desta pesquisa.

Quadro 2 - Editores Cartoneros

NOME	LOCAL	ANO DE FUNDAÇÃO
Ganesha Cartonera	Rio de Janeiro	2018
Maria Preta Cartonera	Mato Grosso do Sul	2019
Mariposa Cartonera	Recife	2013
Nordeste Cartonero	São Paulo	2015
Olaria Cartonera	Paraná	2019
Vento Norte Cartonero	Rio Grande do Sul	2014

Fonte: Sofia Gonçalves

Devemos levar em consideração algumas limitações da pesquisa qualitativa, a primeira é que não há crédito quanto à sua generalização (KATES, 1998), ou seja, é preciso tomar cuidado com as generalizações desse tipo de pesquisa, pois esta é limitada ao grupo dos entrevistados.

Outra limitação é dada por Creswell (2003), que diz que há a possibilidade de haver o viés do pesquisador, isto é, como o pesquisador interpreta os dados, é provável que ele interprete de acordo com seu olhar pessoal, influenciando então a interpretação dos dados.

Por tanto se buscou superar essa limitação da subjetividade, focando o discurso dos entrevistados, as frases ditas por eles. Por isso, foram utilizadas as citações das transcrições das entrevistas para demonstrar as análises.

4.2 COLETA E TRATAMENTO DE DADOS

A coleta dos dados foi feita em duas etapas. A primeira etapa abrangeu a pesquisa principalmente na Internet através da busca da informação em blogs, redes sociais e sites institucionais das editoras cartoneras existentes no Brasil, e pesquisa bibliográfica nas bases de dados já descritas no item 1.1. A segunda etapa foi feita através da entrevista em profundidade guiada por um roteiro de perguntas semiabertas.

Segundo Gerhart (2004), entrevistas são métodos qualitativos que apresentam uma interação face a face, onde os pesquisadores fazem perguntas para os entrevistados responderem.

Nas entrevistas, os entrevistados respondem as perguntas abertas, mas estruturadas, de acordo com suas experiências e narrativas pessoais (SHAH e CORLEY, 2006).

Geralmente, as entrevistas são feitas com um número pequeno de informantes, porém são feitas em profundidade (REMENYI et al., 1998).

O roteiro das entrevistas foi elaborado considerando o objetivo principal e os objetivos intermediários da pesquisa, julgados necessários para abranger toda a questão de pesquisa.

Para aplicação do questionário, foi criado um formulário utilizando a ferramenta Google formulários, o endereço eletrônico da entrevista foi disponibilizado através de e-mail criado especificamente para o trabalho.

O tratamento dos dados foi feito através da leitura e interpretação dos questionários que foram transcritas.

A análise de conteúdo de nossa pesquisa se baseou no trabalho de Bardin (2010, p. 280) e tem as seguintes fases para a sua condução: a) organização da análise; b) codificação; c) categorização; d) tratamento dos resultados, inferência e a interpretação dos resultados. Destacamos que das fases acima elencadas as

análises foram pautadas em reincidentes leituras, não efetivando o processo de codificação. Essa decisão se deu em razão de que tal processo não caracteriza os objetivos do estudo.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Partindo dos dados coletados, será apresentada nesta seção a análise e interpretação de toda a pesquisa. Constarão as informações e conclusões das observações e análises dos dados levantados.

Segundo afirma Chizzotti (2006, p. 98), “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.

Neste contexto, optamos por análise de categorias. Segundo Minayo (2001) as categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. Esse tipo de procedimento, de um modo geral, pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa.

Por tanto, apresentamos cinco tabelas com as respostas cada uma referente a uma questão do formulário de entrevista, para melhor análise buscamos destacar nas tabelas os pontos chaves e padrões nas respostas.

1. O que é democratização do livro?

Ganesha Cartonera	Facilitar o acesso do objeto livro aos diferentes públicos e permitir que, a um <u>baixo custo</u> , novos sujeitos e grupos se apropriem das estruturas editoriais antes restritas a alguns poucos atores que detinham grande capital econômico, social e simbólico.
Maria Preta Cartonera	Fazer com que o livro chegue, a um <u>preço acessível</u> , a todos, <u>indistintamente</u> , sem <u>privilegiar classes sociais com mais recursos</u> , sem distinção de raça, gênero, religião.
Mariposa Cartonera	Garantir que o <u>objeto livro chegue ao maior número de pessoas</u> , com <u>diversidade e facilidade do acesso</u> .
Nordeste Cartonero	Atitudes e palavras que incentivem a formação de leitores consumidores da leitura em livros, <u>da forma mais ampla</u> (diversos gêneros) e <u>justa</u> (com direito ao acesso sem restrições financeiras ou intelectivas).
Olaria Cartonera	É tornar o objeto livro <u>não apenas acessível do ponto de vista econômico</u> , mas também <u>cultural</u> , tornando-o <u>presente no cotidiano</u> e nas vivências sociais de segmentos da <u>população tradicionalmente excluídos da cultura letrada</u> .
Vento Norte Cartonero	A pergunta carrega um implícito: o livro precisa ser democratizado. O que leva a recordar que o livro no Brasil foi e é um <u>produto simbólico para poucos</u> , para <u>certos grupos sociais que sempre tiveram o domínio dos códigos letrados e que por tal razão eram e são os que podem usufruir o direito de escrever e ler no sentido pleno da palavra</u> . Como diz o crítico uruguaio Angel Rama à "cidade letrada" sempre foi constituída por <u>elites intelectuais</u> que estavam articuladas a determinados setores sociais. Por outro lado, não se pode ignorar que o livro ainda sendo um bem simbólico também é uma mercadoria e que como tal só chega às mãos dos que <u>possuem os recursos econômicos para sua aquisição</u> . Enfim, se considerarmos que no país a cultura letrada, à que está associada organicamente o livro, até hoje continua sendo direito quase exclusivo de alguns poucos, <u>a necessidade de sua democratização resulta urgente para que se espalhe então pelo tecido social como um direito de todos</u> . Pode-se pensar, por exemplo, para uma melhor compreensão do quadro que vive a circulação do livro no Brasil, no tipo de edições e nas tiragens das mesmas. Se lembrarmos de que o país tem uma população de 200 milhões de pessoas, e o que o índice de leitura é muito baixo em comparação com outros países, inclusive vizinhos como Argentina, resulta revelador que as obras de maior impacto e com o apoio de estratégias de marketing alcancem apenas 10 20 ou 30 mil exemplares. A operação aritmética que se faça revelará sem dúvida alguma o truísmo de que no Brasil não há leitores, e as razões não podem ser atribuídas ao espírito macunaímico do brasileiro, como às vezes se comenta por aí, mas a uma situação histórica ligada às políticas públicas precárias no campo da educação e da indústria editorial.

Pensar na democratização do livro como já refletimos é repensar a cadeia produtiva do livro, o nosso primeiro questionamento para as editoras foi “o que é a democratização do livro?”.

Através das respostas percebermos que há um consenso de que a democratização do livro passa por dois pontos chaves. O primeiro ponto é valor econômico do livro, as editoras entendem que o livro deva chegar ao público ao um preço acessível.

O segundo ponto é diversidade dentro do catálogo de obras sem distinção de orientação sexual, raça, gênero, ou religião.

Para Avila (2017) “dentre as questões sociais atreladas ao movimento cartonero, está à busca por uma nova via editorial que dê voz aos autores desconhecidos, aos que estão no começo de suas produções literárias e que são esquecidos pelas grandes editoras multinacionais, que apenas visam ao lucro e servem estritamente ao corrosivo e nefasto mercado capitalista internacional”.

O autor ainda afirmar que ao proporcionar uma via editorial alternativa, o movimento cartonero é capaz de atuar em nível comunitário no sentido de modificar o acesso à leitura e à escrita, criando assim novas práticas de letramento em contextos sociais periféricos.

2. Por que é importante democratizar o livro?

Ganesha Cartonera

Com a democratização dos processo editorias, as editoras cartoneras possibilitam que novas vozes (antes silenciadas) sejam colocadas em circulação e possam ecoar muito além de seu tempo e espaço. A utopia editorial que orienta a formação do catálogo da Ganesha Cartonera é publicar sujeitos subalternizados e expressões de moradores de territórios periféricos, fazendo com que sujeitos cujas vidas eram representadas por outros (os predominadores de sempre: homens, brancos, ricos, com formação universitária e moradores de certas cidades e bairros) possam assumir e difundir sua voz, tirando a sua própria foto, escrevendo a sua própria história, falando com suas próprias dicções potentes e não mais sendo falados por figuras dominantes do campo cultural.

Maria Preta Cartonera	Em um país onde a democracia já requer muitos cuidados e atenção, o <u>livro deve se apresentar como sustentáculo dos direitos democráticos</u> , e para isso precisa circular livremente, com maior acessibilidade, entre as pessoas.
Mariposa Cartonera	Para formar uma <u>sociedade com indivíduos mais autônomos</u> , que acredito ser uma das principais funções do livro como artefato cultural.
Nordeste Cartonero	O livro é tradicionalmente o suporte físico (e hoje, também virtual) de gerações de leitores tidos como de uma classe privilegiada. <u>É importante fazer as gerações atuais entenderem o privilégio de ter acesso aos livros</u> , para que seu consumo deixe de estar ligado a classes específicas.
Olaria Cartonera	Porque o livro é o mais <u>tradicional mecanismo de formação de capital cultural</u> existente em nossa sociedade.
Vento Norte Cartonero	A importância da democratização do livro depende da própria concepção que se tenha do livro e sua função no âmbito social e cultural. Importante para quem ou para o quê? Creio que a explicitação de tais questões é o ponto de partida para refletir sobre a função que o livro pode cumprir na formação subjetiva, educacional e até profissional do ser humano. E aqui não me refiro apenas ao livro no seu suporte tradicional já que hoje as tecnologias da comunicação estão implicadas na posta em circulação de um tipo de livro que dispensa o papel. E que por sua vez coloca em discussão o destino do mesmo e as práticas de leitura que impõe. Em tal sentido, ainda não se tem nenhuma noção clara de como a virtualidade à revelia do próprio mercado editorial participa no processo de democratização do livro, pois por essa via o livro também chega a leitores que não precisam pagar nenhum custo para a leitura respectiva. De qualquer maneira a tese da importância de <u>democratizar o livro</u> está atrelada à demanda que alguns intelectuais ou instituições da sociedade civil levantam para que como <u>objeto simbólico qualquer sujeito possa ter acesso e usufruir das construções da palavra escrita</u> . No que se reconhece a incapacidade do Estado para garantir a todos seus cidadãos o direito de ler livros. Que tipo de livros? Bom, essa é outra discussão...

Sabemos que o livro e a leitura são fatores que contribuem para exclusão cultural. Lembrando que o livro também é um bem cultural e quando nos referirmos

especificamente a dificuldade de acesso das populações aos produtos e espaços culturais.

Ao perguntar aos editores cartoneros a importância da democratização do livro, observamos que é justamente democratizar para dar acesso à cultura e formar indivíduos mais autônomos em relação ao pensamento crítico.

3. O que a editora faz para democratizar o livro?	
Ganesha Cartonera	A Ganesha Cartonera está sediada em uma favela do Rio de Janeiro, lugar geralmente associado à falta e à violência, não à cultura ou à produção de expressões artísticas. A partir desse lugar, <u>pensamos a estrutura editorial como uma máquina expressiva ou um "microfone" que permite colocar em circulação vozes silenciadas, como a de mulheres, negros, integrantes da comunidade LGBTQIA+, moradores e territórios periféricos, sujeitos privados de liberdade ou estudantes de escolas públicas.</u> É na favela, nesse "quarto de despejo" onde são atirados os seres humanos refugados pela sociedade, que cortamos, dobramos, pintamos e costuramos o papelão recolhido pelos catadores de rua, transformando o uma vez foi lixo descartado em capinhas de papelão de livros artesanais.
Maria Preta Cartonera	No nosso caso, <u>a criação de livros artesanais, com capas de papelão, dentro de um orçamento simples e com baixo custo proporciona a democratização, ou seja, acessibilidade a todos, sem distinções.</u>
Mariposa Cartonera	Nossa proposta envolve o <u>comércio justo e praticamos preços acessíveis ao público.</u> Ao mesmo tempo, já realizamos uma série de oficinas pelo Brasil, inclusive em Porto Alegre, para difundir o fenômeno cartonero, que consideramos uma tecnologia social.
Nordeste Cartonero	Em primeiro lugar, as editoras cartoneras têm <u>a meta de fazer os livros que produz artesanalmente chegar a leitores de baixa renda.</u> Além disso, sem abrir mão de critérios estéticos, a Nordeste incentiva a <u>publicação de autores novos com preços reduzidos de produção de exemplares, ou banca inteiramente a publicação, através de convite.</u> E, finalmente, apostamos em autores e títulos do passado e em domínio público, que se encontravam fora do catálogo dos grandes grupos editoriais há muito tempo, mas a escolha depende dos diversos momentos sociais e políticos que vivemos obras que dialoguem com o presente, estética e tematicamente.

<p>Olaria Cartonera</p>	<p><u>Produz livros de baixo custo</u>, realiza eventos em espaços geralmente pouco associados ao consumo literário, fomenta a leitura e escrita por meio de publicações voltadas a novos/as autores/as.</p>
<p>Vento Norte Cartonero</p>	<p>A rigor muito pouco. E não por falta de vontade, mas pelas condições concretas de uma editora cartonera. Em geral são projetos muito modestos e de alcance limitado. Porém, a sua relevância reside no fato serem quase sempre espaços para a projeção de sujeitos e vozes que ao longo dos tempos foram ignorados e silenciados, ou, em outros casos para lançar autores que não têm como ingressar nos catálogos de editoras convencionais. Inclusive nas de editoras independentes que muitas vezes publicam um livro cujos custos são pagos pelo autor. Por outro lado, como o valor do livro cartonero é muito baixo implica que se torna acessível para quem tem escassos recursos econômicos, sem esquecer que muitas vezes é doado para bibliotecas comunitárias ou para quem não consegue pagá-lo. Assim a ação de abrir espaço a outros autores e fazer circular o livro sem pretensões de lucro torna-se um gesto com significação, sobretudo simbólica na tarefa de democratizar sua publicação e recepção. No caso de Vento Norte Cartonero devo destacar que no seu pequeno catálogo se registram títulos de autores privados de liberdade e de uma travesti chilena, além de autores estreados e de alguns já consagrados no cenário literário, tanto nacional como latino-americano. Para a respectiva publicação, seja com edições de 100 120 ou 150 exemplares, nunca se cobra qualquer valor e se retribui os autores com o 20% de exemplares da edição. <u>Nossos livros não levam ISBN e se publicam com o critério de licenças livres. Para a venda se estabelecem preços baixos, hoje quase todos a 15 reais e um a 20 reais, e, como já referi antes, alguns exemplares se doam para pessoas que não podem pagar ou para bibliotecas comunitárias.</u> Por outro lado, a editora desde a criação realiza <u>oficinas cartoneras gratuitas em escolas públicas, penitenciárias, fundações de variada ordem, etc., nas que se escreve e confecciona um pequeno livro.</u> O pressuposto básico que guia esse fazer é o de desmitificar o livro como um objeto em extremo difícil para ser escrito e confeccionado materialmente. É nossa pequena ação para contribuir de alguma maneira com a democratização do livro.</p>

Quando trazemos a análise da terceira pergunta de nossa pesquisa sobre as contribuições das editoras cartoneras para a democratização do livro fica claro o incentivo para novos autores.

Na concepção de Siqueira e Farias (2018), o movimento cartonero está arraigado na ânsia de trazer ao foco autores nunca vistos antes, mas que possuem tanto talento quanto aqueles que estampam outdoors. Ao mesmo tempo em que

deixa as portas abertas para os autores já conhecidos, mas que querem difundir sua escrita sem precisar cobrar um preço exorbitante sobre ela.

Outra percepção que inferimos, são as publicações de livros com valores mais acessíveis no caso da editora Vento Norte Cartonero suas publicações não possuem ISBN⁵, um sistema de identificação pago que possui valores para cadastro editorial elevado, o que contribui para aumento no custo de publicação de uma obra, distanciando se da filosofia Cartonera, além de suas publicações terem critérios de licença livre.

Identificamos também trabalhos realizados dentro das comunidades por meio de oficinas cartoneras. Este intercâmbio cultural faz-se necessário, na medida em que estimula o acesso a novos universos, outras comunidades, abrindo portas à inclusão social e ao combate a toda e qualquer forma de marginalização.

Segundo Vieira e Volquind (2002, p. 11), as oficinas se configuram como [...] uma forma de ensinar e aprender, mediante a realização de algo feito coletivamente. Salienta-se que oficina é uma modalidade de ação. Toda oficina necessita promover a investigação, a ação, a reflexão; combina o trabalho individual e a tarefa socializadora; garantir a unidade entre a teoria e a prática.

4. O que mais poderia ser feito para a democratização do livro?

Ganesha Cartonera

Ampliar a tiragem das obras de autores que estão fora dos contextos dominantes, como por exemplo, os narradores da Literatura Marginal Periférica e os poetas e as poetisas (slammers) do movimento Poetry Slam, fazendo que suas vozes cheguem às bibliotecas escolares e bibliotecas livres onde o público leitor poderia ver a sua própria realidade figurada nas páginas os livros.

⁵ Criado em 1967 e oficializado como norma internacional em 1972, o ISBN - International Standard Book Number - é um sistema que identifica numericamente os livros segundo o título, o autor, o país e a editora, individualizando-os inclusive por edição.

Maria Preta Cartonera	<u>Difusão de editoras de livros artesanais</u> , incentivo à criação de sebos para venda de livros usados, reedições dos clássicos em formato mais simples e barato, tipo livros de bolso.
Mariposa Cartonera	A nível governamental, a implementação dos <u>Planos do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas</u> .
Nordeste Cartonero	No que diz respeito às grandes editoras (chamamos assim aquelas que produzem grandes tiragens em parques gráficos, envolvendo uma grande cadeia produtiva), a Nordeste Cartonero defende campanhas <u>promocionais de preços e atividades em escolas e comunidades para incentivo à leitura</u> , além do incentivo da criação de bibliotecas comunitárias nas periferias para formar os primeiros leitores entre as crianças, assim como aos programas de alfabetização de adultos. Muitas cartoneras fazem algo parecido com recursos de doações, mas em muitíssimo menor escala e amplitude.
Olaria Cartonera	<u>Programas sociais voltados à promoção do livro e da leitura</u> .
Vento Norte Cartonero	A resposta pode estar direcionada a expressar boas intenções. Porém, acredito que se trata de um assunto complexo que envolve fundamentalmente a adoção e desenvolvimento de políticas e programas públicos, que não deveriam em momento algum anular iniciativas de caráter privado, tanto na esfera da educação e das atividades culturais, como no âmbito das decisões institucionais do Estado brasileiro. Especialistas no tema destacam, entre outras coisas, os custos elevados do papel e os inúmeros impostos que se pagam no processo de elaboração do livro, pode-se lembrar das campanhas a favor da <u>eliminação do IVA para que o livro chegue ao consumidor mais barato</u> , e as discussões sobre considerar o livro como um bem não mercadológico, aspectos que só fazem corroborar que o livro ainda é um objeto de natureza problemática para sua circulação democrática pelas amplas esferas do chamado mundo social. Quicá a título de ilustração apenas se pode referir o que acontece com livros publicados por editoras de universidades públicas, fora a questão dos critérios que regem a seleção dos autores, às vezes ligados a relações de poder, resulta surpreendente o custo de cada um nas prateleiras das livrarias. A pergunta é óbvia: por que um livro editado por uma instituição pública é tão caro e pouco democrático? A resposta precisa ser formulada então de acordo com a complexidade do problema.

As respostas dos entrevistados nesta questão foram produtivas, pois identificamos diferentes ideias e indagações do que mais poderiam ser feitas para a democratização do livro, ações que vão além das editoras cartoneras.

Iniciamos com a editora Ganesha a mesma acredita que ampliar a tiragem das obras de autores que estão fora dos contextos dominantes, e a disseminação das obras em bibliotecas escolares, bibliotecas públicas e comunitárias contribuiria para público daquela comunidade se identificar com as histórias contadas nas páginas dos livros, aproximando o livro do leitor.

A Maria Preta Cartonera nos apresenta o incentivo a sebos, como uma iniciativa que incentiva o consumo consciente e por se tratar de venda ou troca de livros novos ou usados o valor mercadológico é muito mais acessível em relação a uma livraria de shopping.

Já as editoras Mariposa Cartonera e a editora Olaria Cartonera trazem em sua fala as políticas públicas. No item 3 falamos sobre o PNLL no âmbito nacional, mas também temos legislações estaduais e municipais específico de cada região e programas sociais para a promoção do livro e da leitura, as legislações são instrumentos para garantir a inclusão da leitura e o livro em nossa sociedade.

Seguindo em nossa análise temos a editora Nordeste Cartonero, a editora acredita que editoras de grande porte deveriam promover campanhas promocionais de preço, ainda ressalta incentivos à criação e manutenção das bibliotecas aliado aos programas de alfabetização e promoção da leitura, como vimos no item 2.1 as bibliotecas auxiliam na disseminação, divulgação e promoção da leitura.

E por último temos a editora Vento Norte Cartonero que nos proporciona uma reflexão em relação a ações para democratização do livro. Para ela a democratização passa fundamentalmente a adoção e desenvolvimento de políticas e programas públicos, mas enfatiza que não deveriam em momento algum anular iniciativas de caráter privado, tanto na esfera da educação e das atividades culturais.

A editora lembra-se de campanhas a favor da eliminação de impostos para que o livro chegue ao consumidor mais barato, e debates sobre considerar o livro como um bem não mercadológico, aspectos que para ela só fazem confirmar a natureza problemática do debate para a circulação democrática pelas amplas esferas do chamado mundo social.

No exemplo citado pela a editora do que acontece com livros publicados por editoras de universidades públicas, fora a questão dos critérios que regem a seleção dos autores, às vezes ligados a relações de poder, o resultado final são livros com custos elevados nas prateleiras das livrarias, aqui destacamos a importância das bibliotecas universitárias na jornada de um estudante do ensino superior. E ainda deixa para uma próxima discussão uma pergunta que nesta pesquisa não podemos responder.

5. O que ajudaria a fazer com que as iniciativas das editoras cartoneras tenham mais sucesso?	
Ganeshha Cartonera	A <u>multiplicação das oficinas cartoneras em escolas de Ensino Fundamental ou Médio e em faculdades de Letras de universidades públicas ou privadas</u> . Com as oficinas, os professores e os estudantes percebem que podem produzir seus próprios livros, dominando todas as etapas da ação editorial, da elaboração do texto até a encadernação. Daí sairá novos autores e novos editores.
Maria Preta Cartonera	O sucesso independe das editoras cartoneras, mas da <u>formação de novos leitores</u> , uma geração mais interessada pela literatura, desafio entregue nas mãos das escolas e dos professores.
Mariposa Cartonera	Mais iniciativas de <u>parceria com instituições públicas</u> , interação com bibliotecas, Universidades etc.
Nordeste Cartonero	As editoras cartoneras, desde o princípio, não apostam no "sucesso", se essa palavra estiver empregada no sentido de maiores vendas ou notoriedade individual. No primeiro caso, há editoras com uma cadeia produtiva que não passam de uma ou duas pessoas, entre editores, diagramadores, divulgadores, vendedores e publicitários (a Nordeste

	<p>Cartonero é criada e mantida por duas pessoas, marido e mulher). Muito se tem divulgado sobre nosso trabalho em diversas mídias. Sucesso, para nós, por outro lado, é saber que as editoras cartoneras surgem em todo momento, incentivando autores e leitores a fazerem seu próprio trabalho. As editoras cartoneras iniciam sua história na Argentina, mas o Brasil já possui a maior concentração delas, e em quase todos os continentes já existem cartoneras. Um sucesso silencioso e anônimo como todas as vozes que ela representa. Além do mais, nosso movimento já é tema de diversas monografias de TCCs, dissertações e teses em IES no Brasil (como o Rio Grande do Sul, não é verdade?) e em outras partes do globo, além de terem coleções especiais dedicadas a títulos cartoneros no Chile e em Wisconsin (EUA).</p>
<p>Olaria Cartonera</p>	<p><u>Adesão e engajamento de autores e leitores. Mais espaço em eventos literários</u></p>
<p>Vento Norte Cartonero</p>	<p>Difícil dar uma resposta precisa. Digo isso em razão de duas coisas: a grande maioria das editoras cartoneras adota como princípios a autogestão e a autonomia. Nossa editora não tem vínculos institucionais de nenhuma espécie e não recebe por opção nenhum tipo de apoio econômico público ou privado. Por isso a razão do sucesso está em relação direta com o que cada uma pretende. Até porque as equipes que constituem as cartoneras são pequenas, muitas vezes não passam de dois ou três integrantes, com o apoio de alguns colaboradores que não participam organicamente de todas as tarefas corriqueiras, o que, por consequência, limita seu rádio de ação e projeção. Quiçá o que pudesse ajudar o fazer cartonero a ter um maior "sucesso" social e cultural seria dar a conhecer melhor todas as potencialidades que um projeto de tal índole comporta. E para isso creio que as oficinas podem cumprir um rol estratégico. Elas também poderiam estar direcionadas para os professores de escolas e para integrantes de movimentos comunitários com o objetivo essencial de mostrar como se pode elaborar um livro sob outra perspectiva e lógica. A minha experiência de seis anos como cartonero me permite afirmar que diversos setores acadêmicos e culturais estão enraizados em uma visão muito convencional do livro, por isso, seu olhar preconceituoso não lhes permite reconhecer o livro cartonero como um verdadeiro livro.</p>

A última pergunta de nossa pesquisa uma provocação sobre o sucesso das ações cartoneras, entendemos que é necessário abrir mais espaço para as editoras apresentarem o seu trabalho como fez a CCMQ e Biblioteca Municipal Josué Guimarães de Porto Alegre, que receberam a exposição o universo cartonero.

O bibliotecário como mediador da informação tem o papel de promover a cultura em qualquer suporte. A formação de novos leitores, uma geração mais

interessada pela literatura, é um desafio que temos em conjunto com as escolas e os professores.

As editoras cartoneras surgem em todo momento, inspirados muitas vezes pela experiência das oficinas oferecidas pelas mesmas. Como a Vento Norte Cartonero menciona que as oficinas poderiam estar direcionadas para os professores de escolas e para integrantes de movimentos comunitários com o objetivo essencial de mostrar como se pode elaborar um livro sob outra perspectiva e lógica.

Mas como cita em sua resposta a experiência de seis anos como cartonero permitiu afirmar que diversos setores acadêmicos e culturais estão enraizados em uma visão muito convencional do livro, por isso, seu olhar preconceituoso não lhes permite reconhecer o livro cartonero como um verdadeiro livro.

Cada vez mais o movimento cartonero desperta a curiosidade, como despertou na autora deste trabalho, acreditamos que é apenas uma sementinha que estamos semeando em nosso curso de Biblioteconomia, e o sucesso das ações cartoneras está justamente na construção coletiva e no compartilhamento do saber.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa passamos a entender e admirar mais o movimento cartonero na sua essência social, política e artística, é um sopro de esperança em nossa luta contra o retrocesso.

Podemos através de nosso trabalho identificar alguns pontos sobre a produção do livro cartonero, desde a coleta do papelão até a obra final, mas o interessante destacar são os escritores, publicar um livro dentro do universo cartonero é ter uma publicação única e totalmente autoral.

As manifestações cartoneras nos motivam a repensar as regras de produção e aquisição de livros pela sociedade, e o papel das editoras é fundamental para estimular a diversidade, e tornar possíveis escritores marginalizados e autores independentes oferecendo suas produções.

Não pretendemos propor novos caminhos para uma verdadeira democratização do livro. Essa seria uma próxima etapa. Só um estudo mais profundo poderá apontar projetos com intuito de fortalecer a inclusão social do acesso ao livro.

No que tange ao acesso à cultura, a ampliação dos espaços culturais também colabora para a inclusão dos cidadãos, porém García Canclini (2012, p. 210) ressalta que “as práticas estéticas não surgem de gostos desinteressados e sim da acumulação combinada de capital econômico e capital cultural”.

Consideramos que a educação junto com projetos políticos e outra lógica da cadeia produtiva do livro são fundamentais para o desenvolvimento da

democratização na medida em que contribui para despertá-lo culturalmente, a conscientização, a compreensão dos direitos humanos, aumentando a adaptabilidade e o sentido de autonomia (SACHS, 2004, p.39).

Para finalizar acreditamos que o resultado final deste TCC atingiu os objetivos e o problema de pesquisa satisfatoriamente, pois através do olhar das editoras podemos compreender e desmistificar o livro.

Gostaríamos de agradecer a todas editoras participantes, nosso muito obrigado! E como aprendemos com a editora Nordeste Cartonero. Abraços de papelão (ou "de cartón").

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marcelo Henrique Barbosa de. **O que são esses livros com capas de papelão?** Aspectos da história dos Livros Cartoneros - 2003-2018. Paraíba: Marca de Fantasia, p. 19. 2019. Disponível em: <https://marcadedefantasia.com/livros/quiosque/cartonero/cartonero.html>. Acesso em: 03 dez. 2019.

AZAMBUJA, Lucas Rodrigues. Os Valores da Economia Solidária. **Sociologias**, Porto Alegre , n. 21, p. 282-317, June 2009 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 Dez. 2019.

Braga, Ana Cristina D'Angelo. **Redes de comunicação no coletivo Dulcineia Catadora e o arte ativismo do convívio**. 2014. 128 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4617>. Acesso em: 03 dez. 2019.

BRAGA, Lisandro. Lutas Sociais e Repressão Preventiva na Argentina. **Sociologia em Rede**, v. 3, n. 3, p. 23, 2013. Disponível em: <https://redelp.net/revistas/index.php/rsr/article/view/2braga3>. Acesso em: 03 dez. 2019.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.

_____. **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. Esse Brasil que não lê. In: AMORIM, Galeno (org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-Livro, 2008.

LIMA, Andréa Terra. **A Estética do (In) desejável**: Uma Margem Catadora. Porto Alegre, UFRGS, (Trabalho de Conclusão de Curso). P. 11, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/21494>. Acesso em: 03 dez. 2019.

LIMA, Jéssica Alcântara; MACIEL, Inês Maria Silva. **Editoras Cartoneras**: uma ideia sustentável. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vitória - ES – 03 a 05/06/2019, p. 1-14. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-1386-1.pdf>. Acesso em: acesso em 30 nov. 2019

MIKHAILOVA, Irina. Sustentabilidade: evolução dos conceitos teóricos e os problemas da mensuração prática. **Economia e Desenvolvimento**, n. 16, 2004.

OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de; BITTENCOURT, Cândida Alayde de Carvalho. Eloísa Cartonera: aproximações entre arte, cultura e processos de criação colaborativos. **Estúdio**, Lisboa, v. 6, n. 11, p. 202-213, jun. 2015. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-61582015000100021. acesso em 30 nov. 2019

SICHONANY NETO, S. O. **Democracia e sustentabilidade**: a exclusão digital e a participação virtual. In: ROVER, Aires José; CELLA, José Renato Gaziero; AYUDA, Fernando Galindo. (Org.). **Direito e Novas Tecnologias: XXIII Encontro Nacional do Conpedi**. 1ed. Florianópolis: CONPEDI, 2014, v. 1, p. 242-257.

SINGER, P. **Autogestão contra o desemprego**. São Paulo, Folha de São Paulo, 22 jun/1997.

_____. **Globalização e desemprego**: diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

_____. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER, Paul; SOUZA, André R. (orgs.). **A Economia Solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000a. p. 22.

SOUZA, M.T.S., PAULA, M.B., SOUZA-PINTO, H. O Papel das Cooperativas de Reciclagem nos canais reversos pós-consumo. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 52, n. 2, p. 246- 262, 2012.

VILHENA, Flavia Braga Krauss. **O acontecimento Eloísa Cartonera**: memória e identificações. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2016. 204 f.

UNESCO. **Acesso à Cultura no Brasil**. Brasília: 2011. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/culture-and-development/access-to-culture/>. Acesso em: 31 out. 2019.